

Sveučilište u Zagrebu
Filozofski fakultet
Odsjek za romanistiku
Katedra za portugalski jezik i književnost

Emigracija kao tema u portugalskoj književnosti

Diplomski rad

Studentica: Maja Perišić

Mentor: dr. sc. Nikica Talan

U Zagrebu, 25. siječnja 2017.

ÍNDICE

Sumário:	1
1. Introdução.....	3
2. A emigração portuguesa – evolução do processo migratório no decurso dos séculos.....	4
2.1. O resumo histórico	4
2.2. Os tipos do movimento migratório	7
2.3. Origem e destinos da emigração portuguesa.....	8
3. O processo migratório no contexto da literatura	9
3.1. A viagem e o viajante como fenómenos literários	10
4. Análise do tema da emigração nas obras escolhidas.....	14
4.1. Peregrinação.....	16
4.2. A Morgadinha dos Canaviais	23
4.3. Emigrantes.....	29
5. Conclusão	37
Bibliografia.....	38

O tema da emigração na literatura portuguesa
Emigracija kao tema u portugalskoj književnosti

Sumário:

A emigração na literatura portuguesa é o objeto da análise deste trabalho através da análise das obras *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, *Morgadinha dos Canaviais* de Júlio Dinis e *Emigrantes* de Ferreira do Castro. O trabalho começa com o resumo dos dados estatísticos e históricos ligados com o processo migratório em Portugal. A seguir introduz os termos literários que se referem ao processo migratório, como por exemplo a viagem, a diferença entre o viajante, o turista e o emigrante, a diferença entre o protagonista viajante na cultura ocidental e na cultura oriental e por fim a importância dos meios de transporte. Baseado na análise das três obras escolhidas da literatura portuguesa, o trabalho analisa o modo de elaboração do tema e protagonista da obra, as razões da emigração do protagonista, o processo da viagem e as mudanças no estado psicológico do emigrante durante o processo migratório. No decurso da análise chega-se à conclusão que, a despeito de modos e razões da viagem, os protagonistas emigrantes experimentam uma crise de identidade, sentem que não pertencem, que não se podem adaptar às novidades da outra terra e também não podem voltar aos seus velhos modos de vida.

Palavras-chave: Peregrinação, Morgadinha dos Canaviais, Emigrantes, emigração, sentimento de não pertença

Sažetak:

Predmet analize ovog diplomskog rada je tema emigracije u portugalskoj književnosti na temelju analize djela *Peregrinação* Fernãa Mendesa Pinta, *Morgadinha dos Canaviais* Júlia Dinisa e *Emigrantes* Ferreira do Castra. Rad polazi od pregleda statističkih i povijesnih činjenica vezanih uz proces emigracije u Portugalu. Zatim uvodi književne pojmove vezane uz proces emigracije kao što su putovanje, razlika između putnika, turista i migranta, razlika između lika putnika u zapadnoj i istočnjačkoj kulturi te važnost prijevoznog sredstva. Na temelju tri izabrana djela iz portugalske književnosti analizira način razrade teme i glavnog lika, razloge zbog kojih se lik odlučuje na emigraciju, sam proces putovanja i psihološke promjene kroz koje lik prolazi tijekom procesa emigracije. Tijekom analize dolazi se do zaključka da bez obzira na načine i

razlog putovanja likovi emigranata proživljavaju krizu identiteta, osjećaju nepripadnost, nemogućnost prilagodbe na novo i povratka na staro.

Ključne riječi: Peregrinação, Morgadinha dos Canaviais, Emigrantes, emigracija, nepripadnost

1. INTRODUÇÃO

A emigração, um fenómeno que durante os séculos não se tornou menos atual na sociedade portuguesa e inspirou inúmeros autores a escrever sobre essa problemática, vai ser o tema deste trabalho. O processo migratório, com toda a certeza, tem marcado não só a história e a mentalidade da nação portuguesa, mas também deixou um traço indelével na literatura portuguesa. Quer o tema das novelas quer só motivo nestes, a emigração tem uma longa tradição na literatura portuguesa, porque a literatura reflete os fenómenos da vida real do povo.

No trabalho vou tentar encontrar características do processo migratório; identificar semelhanças e diversidades no contexto da construção do protagonista emigrante, dependente do período temporal em que a novela foi escrita; conhecer a origem e destinos da emigração nas novelas *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, *Morgadinha dos Canaviais* de Júlio Dinis e *Emigrantes* de Ferreira de Castro, usando o resumo histórico do processo migratório e aplicando os termos literários ligados ao processo da viagem.

Além dos factos evidentes que descrevem o destino da nação ligado com o fenómeno da emigração, também vou analisar os sentimentos e estados psicológicos dos protagonistas emigrantes que foram tantas vezes descritos nos vários poemas e novelas. A base desta tese, que os emigrantes mudam os sentimentos e estados psicológicos durante o processo migratório, são as palavras do grande Eça de Queirós no livro *Uma campanha alegre*:

Em Portugal a emigração não é, como em toda a parte, a transbordação de uma população que sobra; mas a fuga de uma população que sofre.

(1872: 96)

Antes de analisar as novelas, vou observar os dados históricos sobre a emigração portuguesa para poder analisar objetivamente o tema da emigração e suas características.

2. A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA – EVOLUÇÃO DO PROCESSO MIGRATÓRIO NO DECURSO DOS SÉCULOS

O fenómeno de emigração tornou-se, durante cinco séculos, um dos elementos que melhor caracterizam a sociedade portuguesa contemporânea. Emigrações foram tão regulares e comuns que podemos dizer que a emigração em Portugal não é só um fenómeno, mas praticamente uma constante. No capítulo *A emigração portuguesa – evolução do processo migratório no decurso dos séculos* vou explicar o percurso histórico das emigrações em Portugal, utilizando trabalhos como *A emigração portuguesa; Suas origens e distribuição* de Jorge Carvalho Arroiteia e *De emigração a aculturação: Portugal insular e continental no Quebeque* de João António Alpalhão e Victor Pereira da Rosa. Além do resumo histórico das emigrações, vou analisar causas e motivos da expatriação, destinos mais populares para emigrar, números e estatística das emigrações e por fim consequências que a emigração trouxe para o povo português.

2.1. O RESUMO HISTÓRICO

A longa historia das emigrações em Portugal começa com as grandes descobertas marítimas, que foram um acontecimento central na história portuguesa. Segundo pesquisa científica de Victor Pereira da Rosa, professor na Universidade de Ottawa e João António Alpalhão, colaborador no ensino na Universidade de Montreal, a posição geográfica de Portugal foi a chave da colonização e emigração na Contemporaneidade. Por causa da posição de Portugal no mapa da Europa, o mar foi a única oportunidade para os portugueses alargarem as fronteiras do país e alargarem o seu impacto no mundo:

Desde a sua fundação em 1143 até ao século XV Portugal viveu refugiado num recanto da Europa num hermetismo quase total, fruto dos condicionalismos propriamente geopolíticos. Observando o mapa da Europa, é fácil verificar que Portugal está simultaneamente marcado e condicionado pelo mar. Efetivamente, se tivermos em conta o seu contexto geográfico, vemos que lhe era impossível crescer em detrimento da Espanha – país mais rico e mais forte – restando-lhe o Atlântico como única direção possível para a sua expansão. (Alpalhão, Perreira da Rosa 1983: 17)

O primeiro acontecimento que podemos marcar como início das descobertas portuguesas foi a conquista de Ceuta em 1415. Esta grande conquista era só o primeiro passo na grande história das descobertas, do comércio, da evangelização e da colonização portuguesa. Jorge Carvalho Arroteia, o autor de diversos estudos na área de Emigração Portuguesa destaca que com o desenvolvimento das novas formas da viagem, no período entre 1420 e 1425, a grande aventura dos descobrimentos avançou com uma velocidade enorme:

...revestindo novas formas a partir de 1420 – 1425, após a fixação dos primeiros colonos, com carácter permanente, nas terras recém-descobertas do arquipélago da Madeira. A partir de então, este movimento intensificou-se, de acordo com as necessidades decorrentes da colonização das outras ilhas – Açores, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe – e das que lhe foram impostas pela manutenção e defesas das praças e fortalezas dispersas pela costa africana e Índias Orientais. (Carvalho Arroteia 1983: 15)

No início deste processo das descobertas, com o desembarque de Vasco da Gama na Índia em 1498, a atenção dos portugueses centra-se no Oceano Índico. É importante sublinhar que estas descobertas marcaram a nova época, não só na vida do Portugal, mas na vida do mundo:

Chegada a este ponto, a expansão portuguesa reveste-se de um significado decisivo na história da humanidade: 'A influência, trazida, pela descoberta do caminho marítimo para a Índia, ao conhecimento geográfico, ao comércio internacional e às relações entre os povos, levou o célebre Arnold Toynbee a dividir a história da humanidade em dois períodos: pré-Gama e post-Gama'. (Alpalhão, Perreira da Rosa 1983:19)

Esta orientação política para o Oceano Índico durou pouco. Com a descoberta do Brasil por Pedro Álvares Cabral em 1500 sucedeu uma „transferência do 'eixo da política colonial do Índico para o Atlântico““. (Carvalho Arroteia 1983: 15)

Na tentativa de ocupar daquelas terras novas, os portugueses formaram um sistema de capitánias que deviam valorizar a riqueza das áreas litorais e valorizar as novas agriculturas como a cana-de-açúcar e o algodão.

Com as novas informações e vantagens que as descobertas trouxeram, chega um forte desequilíbrio demográfico. Os descobridores e os navegadores foram a terras, mas depois

voltaram para o país, diferentemente dos outros, soldados, comerciantes, missionários e funcionários régios, que foram e ficaram.

Referindo-se ao período compreendido entre 1500 e 1580, V. Magalhães Godinho estima-se cerca de 280 000 saídas, o que corresponde a uma média anual de 3500, valor bastante considerável se atendermos à população então residente que...deveria andar por volta de 1.100.000 habitantes. (Carvalho Arroteia 1983: 16)

Esta emigração tão numerosa provocou uma falta de braços e os portugueses tiveram de recorrer aos escravos para o serviço ordinário. O número dos escravos no reino foi tão grande que as pessoas pensavam que em pouco tempo no reino haveria mais escravos do que residentes autóctones.

Já no século XVII tornou-se claro que este processo não apenas colonização, mas um fenómeno mais grave, a emigração. Por isso, no período de união dinástica com a Espanha foram publicadas medidas restritivas ligadas a esse fenómeno migratório. Apesar disso, o processo migratório não terminou. As pessoas continuaram a emigrar, única coisa que muda é o destino dos emigrantes.

Assim, no século XVIII, com a intensa fase de exploração das minas de ouro e pedras preciosas, o destino preferido foram as colónias na África, o que leva a um despovoamento das regiões que noutro tempo foram mais povoadas. No fim do século XVIII a maioria dos emigrantes viaja para o Brasil, que se torna o destino mais preferido durante o século XIX e o início do XX. Os Estados Unidos da América e o Canadá tornam-se mais populares no século XX, enquanto mais recentemente, os portugueses mais novos preferem os países europeus mais desenvolvidos como a Alemanha.

2.2. OS TIPOS DO MOVIMENTO MIGRATÓRIO

Quando se fala sobre a emigração portuguesa, a maioria sempre menciona o Brasil. O Brasil sempre teve uma associação mais forte, ligada aos processos migratórios e isto não surpreende porque durante os séculos o Brasil foi, para a maioria dos portugueses, um destino mais popular para encontrar uma vida nova. Apesar deste facto, o Brasil não foi o único salvamento para numerosos emigrantes. Neste capítulo vamos dividir as emigrações em dois movimentos: o movimento transoceânico e o movimento intraeuropeu.

O movimento transoceânico inclui os processos migratórios para o Brasil, Estados Unidos da América, Venezuela, Canadá e República da África do Sul. Desde as primeiras descobertas marítimas até ao fim do século XX, o movimento transoceânico formou a maior parte do processo migratório. Uma característica deste movimento transoceânico é a sua constância, os destinos preferidos mudam, mas as pessoas emigram sempre. Algumas quedas significativas sucederam durante a Primeira guerra mundial, crise económica nos anos 30 e Segunda guerra mundial, mas depois da guerra observamos um novo crescimento. Apesar deste crescimento, devemos referir que no século XIX até 96% da emigração foi a emigração transoceânica, enquanto no século XX registamos só 27,8%. Através destes dados podemos afirmar que nos nossos dias o movimento intraeuropeu se tornou mais característico.

Como já mencionei, desde meados do século XVI até aos primeiros anos de 1960, o Brasil é o primeiro destino da emigração portuguesa. A maioria dos emigrantes vem do centro e norte do Portugal, de Viseu e do Porto. Depois da Segunda guerra mundial, o governo brasileiro introduziu medidas limitativas de imigração e por isso os emigrantes encontram um novo destino preferido – os EUA. A maioria dos portugueses que emigram para os EUA vem do norte do Tejo, de Lisboa, Aveiro e Vila Real e também dos Açores e Madeira. Entre os emigrantes da Madeira, do Funchal, depois do Brasil e EUA, o destino mais popular torna-se a Venezuela, enquanto os Açorianos preferem o Canadá, mais precisamente a província do Quebec. Um fenómeno mais surpreendente é a emigração para a República da África do Sul. Este fenómeno pode-se explicar assim; depois de 1974, após a independência de Angola e Moçambique, os cidadãos portugueses deste país emigram para a República da África do Sul.

Em relação ao movimento intraeuropeu, apesar das emigrações para a França, nos anos 1880, trata-se do um fenómeno novo:

A emigração de portugueses para a Europa, além de mais recente, corresponde na sua essência a um fenómeno novo, que tem a ver com a falta de mão-de-obra que se fez sentir nos países ocidentais, no termo da II Guerra Mundial...seguiram-se, após o segundo conflito mundial, as carências provocadas pela reconstrução e expansão das economias industriais europeias, com particular destaque para a França e a Alemanha. (Carvalho Arroteia 1983: 53)

Apesar da França e da Alemanha, os países populares foram a Suíça, a Holanda, o Luxemburgo, a Bélgica, a Espanha e o Reino Unido.

2.3. ORIGEM E DESTINOS DA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA

Os dados estatísticos que eu usei nos capítulos anteriores representam os números relativos à emigração legal, porque a emigração clandestina não se notava. Não existem registos dessas partidas e nós não sabemos a estrutura e composição deste movimento, mas supõe-se que 25% das emigrações foram clandestinas. Um das razões porque não existem dados sobre a emigração clandestina é o facto o governo tentara esconder as más condições da vida no país: “não é por acaso que não existem dados oficiais sobre a emigração ilegal. Ou se ignora, ou se oculta a sua amplitude e o seu significado, uma vez que se não quer pôr dedo na ferida, como se a ignorância dos sintomas pudesse remediar alguma coisa.” (Alpalhão, Perreira da Rosa 1983: 303)

As causas da emigração, não só clandestina, mas também a legal, foram por um lado a fome, a miséria, as condições de trabalho e de vida insuportáveis, e por outro lado o capitalismo, o espírito aventureiro dos portugueses e o fatalismo deles.

Na primeira etapa da emigração os portugueses emigram dentro do país, emigram para os centros urbanos e industriais do litoral do país. Por causa da ausência de uma política migratória no território nacional sucedem assimetrias no povoamento de várias regiões de Portugal, o que significa que Portugal tinha problemas com a emigração antes das descobertas marítimas, que só aumentaram este problema. Com o desenvolvimento do movimento migratório transoceânico aumenta o êxodo português. No século XVI o número dos escravos introduzidos

no reino por causa da falta da mão-de-obra foi tão grande que as pessoas pensavam que em pouco tempo no reino haveria mais escravos do que residentes autóctones. Dois séculos depois, antes a mais povoada província do Minho não tem população suficiente para cultivar a terra nem para trabalhar no sector público. Podemos notar uma redução da população ativa por causa do despovoamento das zonas rurais, a taxa de matrimónios e natalidade e facto que a maioria da população é velha. Apesar das condições de vida insuportáveis na pátria, a grande multidão dos emigrantes não encontra uma vida melhor nos outros países. Assim, eles voltam, desiludidos, porque a vida na diáspora não é tão fácil e feliz como eles pensavam. Eles voltam sem dinheiro, sem esperança, sem o sentimento de afiliação a Portugal ou a qualquer outro país.

3. O PROCESSO MIGRATÓRIO NO CONTEXTO DA LITERATURA

Segundo a definição da palavra emigração no dicionário *Priberam*, emigração é o ato ou efeito de emigrar. Tomando em consideração a ligação desta palavra com o verbo emigrar, ou segundo *Priberam*, “sair da sua região ou de seu país para se estabelecer noutra”, notamos que o processo migratório está ligado ao processo de viagem, ou, segundo *Priberam*, ao “ato de se transportar de um ponto a outro mais distante”. As definições já mostram a diferença entre o ato de emigrar e o ato de viajar. Enquanto a emigração compreende o estabelecimento num ponto, o ato de viajar aponta só o transporte de um ponto a outro.

Quando falamos sobre a viagem no contexto do nosso tempo, parece nos que tudo é claro e que não devemos falar muito sobre esse tema. Na verdade, a sociedade contemporânea é uma sociedade em andamento, nós mudamos espaços diariamente, quer andemos para o trabalho quer viajemos por causa do turismo. Pelo contrário, o tema da viagem na literatura torna-se muito complicada, é quase um fenómeno que se não pode definir com apenas uma definição.

Neste capítulo vou tentar explicar este conjunto de definições sobre a viagem na literatura, vou tentar definir conceitos ligados à viagem, como por exemplo, o objeto da viagem, o tipo do viajante, os modos de transporte e o simbolismo da viagem. Com ajuda desta breve análise vou tentar explicar o âmago da questão da emigração.

3.1. A VIAGEM E O VIAJANTE COMO FENÓMENOS LITERÁRIOS

Deste o início da sociedade humana, as pessoas sempre viajaram. O processo de mudança do espaço sempre existiu, a única coisa que mudou é o nosso entendimento deste fenómeno.

Antes da organização das sociedades humanas nos países e outras coletividades políticas, as pessoas praticavam um estilo da vida nómada, um estilo da vida bastante diferente do que é habitual na nossa sociedade contemporânea. Embora o nómada viaje, ele não é o viajante típico porque o viajante sempre quer atingir o seu objetivo. A diferença entre o viajante e o nómada foi analisada no *artigo O potencial nómada e a máquina de guerra* dos autores Gilles Deleuze e Félix Guattari. Os filósofos franceses afirmaram:

O caminho do nómada inutilmente segue os carreiros ou traçados trilhados, ele não tem a função do carreiro dos sedentários, a função da distribuição do espaço limitado para as pessoas, atribuindo a cada pessoa a sua parte e estabelecendo a comunicação entre estas partes. O caminho do nómada ao contrário, faz distribuição das pessoas (ou animais) no espaço aberto, indeterminado, desamarrado. (Deleuze, Guattari 2008: 25)

Vamos por um momento pôr de lado o nómada e o seu entendimento da viagem, que para ele é a regra, a vida normal dele, para poder definir o que é a viagem. Através das palavras de Mike Crang, professor de geografia cultural na Universidade de Durham, “a viagem é uma prática espacial que está no foco da geografia. Nos seus inícios, geografia foi baseada nos testemunhos dos viajantes, misturando ao mesmo tempo as histórias verdadeiras e vários heroísmos.” (Crang 2008: 63)

Assim podemos concluir que a geografia, uma ciência bem desenvolvida no nosso tempo, nos seus inícios esteve estreitamente ligada com a literatura. Essa ligação manifesta-se na literatura através da criação de um novo género literário – o itinerário, mas também o tema da viagem se encontra frequentemente em outros géneros literários narrativos e descritivos.

O tema da escritura viajante faz-se parte da análise no livro *Cultura da viagem* de Dea Duda, professor na área da Literatura Comparada na Universidade de Zagreb. O desenvolvimento genuíno da escritura viajante começou no século XVI com as descobertas marítimas:

a escritura faz-se parte essencial da viagem, a documentação é parte constituinte da atividade. Os patrocinadores políticos ou comerciantes exigem relações de viagem e mapas, frequentemente mantidos em segredo, mas o interesse público pelas histórias sobre as terras distantes foi um meio importante para atrair investimentos e - quando as colônias foram estabelecidas – imigrantes... (Hulme i Yungs prema Duda 2012: 135)

No mundo ocidental, a escritura torna-se um meio da colonização. Através de vários textos desse período, os colonizadores subjagam espaços descobertos e estabelecem normas europeias nestas terras. Todas as diferenças no comportamento ou tradições que já existiam nestes espaços tornam-se exceções, inconvenientes à norma europeia.

Como já foi mencionado, com o desenvolvimento do mundo contemporâneo, ou seja, com o desenvolvimento industrial e tecnológico do mundo, muda o nosso entendimento do fenómeno da viagem. A sociedade hoje é uma sociedade em andamento, para nós a viagem é a expressão da liberdade, do prazer da vida, nós viajamos para desfrutar. Mas os nossos antepassados tinham outro entendimento: “para os velhos a valor da viagem foi a interpretação do destino humano e da necessidade da viagem... os velhos veem viagem como uma tortura, ou mesmo como um castigo...” (Leed prema Duda 2012: 52). Para eles cada viagem é uma tortura ou castigo, semelhante à viagem de Ulisses.

As mudanças no entendimento do processo da viagem, não estão ligadas só com o significado da viagem, mas também com o entendimento do sujeito da viagem, o viajante. Nós vamos estabelecer a diferença entre o viajante, o turista, o termo mais ligado com o nosso tempo, e o emigrante.

Com o desenvolvimento do capitalismo, desenvolve-se o turismo como um ramo económico. As pessoas agora viajam para desfrutar, para descansar. Em termos literários, quando falamos sobre o simbolismo da viagem, o viajante ultrapassa o turista. Segundo Crang, na viagem, o viajante durante o processo experimenta vários e desconhecidos fenómenos, coloca-se no âmbito de uma vida nova, expõe-se a uma cultura desconhecida e regressa a casa como uma pessoa diferente, nova. Por outro lado, o turista só visita espaços famosos e conhecidos por todo o mundo, os espaços que são semelhantes à sua pátria e observa tudo de um ponto da vista

comum a ele, ou seja, se ele é um europeu, ele vai validar tudo através da norma europeia (2008: 67).

O emigrante, que é para a nossa análise mais interessante do que o viajante e o turista, está mais próximo da definição do viajante do que da definição do turista. Como viajante ele experimenta vários e desconhecidos fenómenos, coloca-se no âmbito de uma vida nova, expõe-se a uma cultura desconhecida e muda-se como pessoa. Por outro lado, o viajante viaja para regressar a sua terra, mas o emigrante viaja para ficar no país novo. O emigrante não viaja para desancar, para desfrutar da viagem, mas ele foge, escapa a condições de vida insuportáveis e ele espera um futuro melhor. Frequentemente, ele fica desiludido, não atinge o objetivo da sua viagem e ao mesmo tempo perde a sua identidade. Na literatura, o emigrante torna-se um protagonista estereotipado. Nos capítulos seguintes vamos ver que o estereótipo do emigrante na literatura portuguesa varia dependendo do tempo em que a obra foi escrita. Desta maneira, o protagonista no período das grandes descobertas, período do renascimento e maneirismo na literatura, não é o típico emigrante. Para as pessoas deste tempo, a viagem foi parte habitual da vida. Nestas migrações não é destacada a fuga da vida na pátria, mas destaca-se o espírito aventureiro dos viajantes desse tempo. Euforia de descobrir e explorar espaços novos e antes desconhecidos, torna-os emigrantes por acaso. Por outro lado, o espírito aventureiro perde o seu significado no período do Romantismo. Com a tendência de revalorização da cultura com carácter nacional, a vida camponesa e arcádica é mais apreciada do que nos períodos anteriores. As personagens deste período emigram frequentemente para a aldeia na busca de uma vida mais tranquila e idílica. No período do Modernismo, durante a crise económica, política e social em Portugal revelam-se os factos sobre a emigração, antes silenciados. Factos sobre os quais se não falava nos períodos anteriores, como a falta de emprego no exterior, a pobreza e as condições de vida semelhantes às da pátria, o retorno inglório dos emigrantes à pátria, tornaram-se os temas das obras deste período. Assim o protagonista emigrante português foi descrito como um homem analfabeto e pobre com bigode farto, um homem barrigudo e atarracado com jeito para merceeiro ou padeiro. Os emigrantes são frequentemente personagens do Norte do Portugal, camponeses, pobres, iletrados, em busca de condições de vida melhor.

No conhecimento do fenómeno da viagem na literatura e dos seus objetivos influi a cultura em que a obra foi escrita. Na cultura ocidental, à qual pertence a literatura portuguesa, o típico protagonista viajante é um vagabundo, um nómada. Este vagabundo tem sempre um objetivo, sabe sempre aonde vai, qual é o seu destino definitivo, embora às vezes não parecesse assim. O

viajante ocidental atinge sempre o seu destino. Na cultura oriental, o típico protagonista viajante é um fugitivo, ele viaja sem destino, a única coisa que importa é o movimento, ou seja a fuga. Ele foge da sociedade, do país, das normas e enfim de si mesmo.

É preciso destacar o modo como se movimenta, ou seja o meio de transporte. Não é mesma coisa viajar a pé, a cavalo, de navio ou de autocarro. Viajando a pé ou a cavalo, o protagonista fica mais ligado à natureza, ao mundo que o cerca. Ele depende das condições meteorológicas, do clima, ele está mais exposto, mais vulnerável. Graças ao desenvolvimento da tecnologia e invenção de novos meios de transporte, os viajantes tinham oportunidade para fazer grandes distâncias em períodos do tempo mais curto. Estas invenções encontraram imediatamente a sua parte na literatura. Os meios de transporte como o navio, o autocarro ou o comboio não só representam o modo de viagem mais rápido, mas também mais fechado. Atrás destas construções de ferro existe outro mundo, isolado e protegido contra influências de fora. O meio de transporte representa uma estação transitória na viagem dos nossos protagonistas durante a qual se aplicam regras diferentes, independentes da sua vida real. A transição entre a vida velha e a nova, entre a pátria e a “nova pátria” representa uma ilusão dos emigrantes, período no qual existem só expectativas e fantasias sobre a nova terra e o seu futuro nelas. Nas obras *Peregrinação e Emigrantes*, que este trabalho analisa, vamos encontrar o navio como o meio de transporte. Isto não nos surpreende tomando em consideração a tradição marítima dos portugueses, os períodos nas quais as obras foram escritas e os destinos para os quais as personagens emigram. Por outro lado, na obra *Morgadinha dos Canaviais*, o protagonista viaja num mular e torna-se mais ligado à natureza e ao ambiente, ele depende de condições climáticas e influência da natureza.

Sem explicação e aplicação da análise destes fenómenos literários ligados à viagem não podemos falar sobre o processo da emigração. Além dos termos já explicados neste capítulo, este trabalho vai analisar os sentimentos dos protagonistas emigrantes. O foco geral dos capítulos seguintes vai ser os pensamentos e sentimentos dos emigrantes. Queremos saber se o ato de sair do seu país natal para encontrar o novo país, para começar uma vida nova e melhor, provoca algumas consequências negativas, se estas consequências mudam dependendo do período histórico e por fim, quais são as semelhanças e as diferenças entre estes protagonistas e os seus destinos.

4. ANÁLISE DO TEMA DA EMIGRAÇÃO NAS OBRAS ESCOLHIDAS

A tradição da literatura da emigração em Portugal começou com o desenvolvimento da literatura de viagens. A popularidade que a literatura de viagens ganhou em Portugal vem da Idade Média quando foi traduzido o *Livro de Marco Pólo* em 1502. Através de Óscar Lopes e de António José Baptista Saraiva, professores de literatura, na Idade Média a população portuguesa é fascinada pela: “revelação de novos espaços, paisagens, floras, faunas, costumes e religiões, as aventuras e peripécias de viagens mais fabulosas que as dos romances de cavalaria e as dos poemas da Antiguidade...”. (Lopes, Saraiva 1979: 305)

Durante os séculos XVI e XVII multiplicam-se as obras deste tipo, mas uma grande parte destas obras, não tinha valor literário. Apesar de descrições detalhadas das novas terras, de povos antes desconhecidos e de tradições deles, a maioria destas obras tem características beletrísticas, mas principalmente ao nível de reportagem. Contudo, uma obra deste período se destaca mais do que as outras:

No entanto, à exceção, como veremos, de *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, a literatura de viagens portuguesa quinhentista e seiscentista não passou de um nível de reportagem; raro se elevou àquela tipificação ou àquele simbolismo que caracterizam a obra de arte. (Lopes, Saraiva 1979: 308)

A *Peregrinação* marcou o início do desenvolvimento da literatura de viagens, a que se seguiu a literatura de emigração, com o valor literário mais avançado. Existe um grande número de autores que escreveram sobre esse tema durante os séculos, os protagonistas destas obras exploram vários países, como por exemplo a Índia, o Brasil, países africanos e europeus. Alguns deles são Diogo Couto (*Soldado pratico*), Camilo Castelo Branco (*Os Brilhantes do Brasileiro; Novelas do Minho...*), Júlio Dinis (*Morgadinha dos Canaviais*), Luís de Magalhães (*O Brasileiro Soares*), Trindade Coelho (*Ultima Dádiva*), Ferreira de Castro (*Emigrantes; Selva*), Miguel Torga (*Criação do Mundo; O Senhor Ventura*), Nunes Rosa (*Gente das Ilhas*) e muitos outros.

Quando falamos sobre literatura de emigração devemos diferenciar as obras escritas por emigrantes e as obras que falam sobre o problema da emigração. No foco deste trabalho vão ser

as obras que falam sobre o problema da emigração, mas é importante destacar que existe uma grande cena de escritores emigrantes. A Professora da Universidade do Porto, Ana Paula Coutinho afirma que a prova disto é a revista *Peregrinação*.

Publicada ao longo de seis anos (entre 1983 e 1989), num total de 24 números, redigida a partir da Suíça mas com colaborações e delegações que se vieram a estender um pouco por todo o mundo, *Peregrinação* começou por apresentar-se como uma 'Revista das Artes e Letras de Expressão Emigrante', resultante da iniciativa individual de um 'emigrante invulgar', como oportunamente chamou Eugénio Lisboa... (Coutinho 2014: 81)

Esta revista representava um esforço dos emigrantes de preservar a sua língua materna não só como um modo de relação com Portugal, mas também como uma língua de investigação do tema da emigração. Numa grande parte das obras publicadas nesta revista os motivos são “a viagem, a dor de ausência, a saudade, o choque cultural, o sentimento de divisão interior, a fissura entre aqueles que partem e os que ficam, o (desejo do) regresso à terra natal...”. (Coutinho 2014: 84)

Por fim podemos ver que as obras escritas por emigrantes não são tão distintas das obras com o tema da emigração, porque os escritores emigrantes escrevem sobre os temas que lhes são mais próximos, e o tema mais próximo é, definitivamente, o problema da emigração.

Todas estas obras já mencionadas, juntamente com a revista *Peregrinação*, representam o tema da emigração na literatura, mas apenas a parte legal da emigração. A emigração clandestina, da qual se não fala na sociedade portuguesa, tem o seu próprio lugar na literatura e chama-se a literatura do salto: “A passagem, a viagem clandestina, 'o salto' representa um momento importante da trajetória de um emigrante. É um período da transição entre um 'cá' (conhecido) e um 'lá' (desconhecido) que inspirou vários escritos”. (Vieira 2007: 1)

Esta parte da literatura é referida nas obras dos anos 1960, não é muito conhecido por causa da censura do sistema político de Salazar. Só depois da revolução de 25 de Abril foram publicados romances com esse tema como por exemplo *5 dias, 5 noites* de Manuel Tiago, *Eis uma história* e *A floresta em Bremerhaven* da Olga Gonçalves, *Fronteira Fechada* de Alves Redol.

Com este resumo curto da tradição da literatura da emigração portuguesa vou começar a análise das obras *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, *Morgadinha dos Canaviais* de Júlio Dinis e *Emigrantes* de Ferreira de Castro. As obras escolhidas pertencem a diferentes períodos históricos da literatura, os protagonistas exploram destinos diferentes e as razões da emigração são diversas. Durante a análise vou tentar encontrar características comuns do processo migratório, a sua formação na literatura e as consequências que este processo causou na sociedade e literatura portuguesa. Para poder analisar objetivamente as obras escolhidas, primeiro vou mencionar características do período literário no qual a obra foi escrita, uma curta biografia do autor e o resumo da obra.

4.1. PEREGRINÇÃO

Na época do renascimento e maneirismo, época de grandes e tumultuosos acontecimentos na vida social, política, económica, cultural e literária da Europa e de Portugal, foi escrita uma das mais conhecidas obras da literatura de viagem em Portugal, *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto.

Este significativo período na história mundial foi marcado pelos descobrimentos marítimos, um surto de invenções, desenvolvimento do capitalismo mercantil e a reforma na Igreja católica. Por causa destas mudanças sociais altera-se e “o horizonte mental dos grupos sociais mais dinâmicos” (Lopes, Saraiva 1979: 174).

Novas regras, géneros literários, maneiras, estilo literário vêm no início da Itália, mas foram rapidamente adotadas em Portugal:

Sob os governos de D. Manuel e D. João III, verifica-se uma forte tendência para a intensificação da cultura literária. Na época de D. Manuel torna – se obrigatório para os moços da corte o ensino da gramática. Imprimiram-se cartilhas para aprender a ler... D. João III empreendeu uma reforma da Universidade pela qual procurou desenvolver, dentro dos velhos cursos de Artes, os estudos humanísticos; para esse fim, transferiu-a para Coimbra... (Lopes, Saraiva 1979: 181)

Um dos géneros mais populares neste período foi a literatura de viagem. Novas obras foram publicadas todos os dias, mas a maioria delas não tinha qualidade literária. No mar destes livros destaca-se *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto.

Fernão Mendes Pinto nasceu em Montemor-o-Velho e morreu em Almada. Acredita-se que nasceu em 1510 e morreu em 1583.

Nasceu numa família modesta, e quando ainda era pequeno, o seu tio levou-o para Lisboa para casa do duque D. Jorge, filho de D. João II. Aqui trabalhou durante cerca de cinco anos.

Em 1537, parte para a Índia, foi cativo dos muçulmanos, vendido e levado para Ormuz. Acompanhou Pedro de Faria a Malaca, e percorreu durante 21 anos, as costas da Birmânia, Sião, o arquipélago de Sunda, Molucas, China e Japão. Numa das suas viagens conheceu S. Francisco Xavier e decidiu entrar na Companhia de Jesus e promover uma missão jesuíta ao Japão. Em 1554 vai para o Japão como noviço da Companhia de Jesus e como embaixador do vice-rei D. Afonso de Noronha junto do rei do Bungo. Depois dessa viagem abandona o noviciado e regressa a Portugal.

Desiludido, foi para Almada, onde se manteve até à morte e onde escreveu, entre 1570 e 1578, a obra *Peregrinação*. Esta foi publicada 20 anos depois da morte do autor.

Peregrinação, uma obra de centenas de páginas, com um ritmo narrativo rápido conta as histórias da viagem do seu autor, Fernão Mendes Pinto. Junto com os *Lusíadas*, esta obra descreve o glorioso período das descobertas marítimas portuguesas. Pinto oferece nas descrições e detalhes geográficos raros relativos aos países que conheceu e que os leitores não tinham conhecido antes. Tudo começa quando o jovem Pinto decide procurar novas opções para fazer comércio no mundo Oriental. Esta viagem, que começou em 1537, irá durar 21 anos, nos quais o protagonista foi 13 vezes cativo e 17 vezes vendido. A partir daí, passa por praticamente todos os entrepostos portugueses à época naquela parte do mundo, e onde teve vazios ofícios. Ele torna-se soldado, marinheiro, embaixador, náufrago, padre, rico comerciante, dono de escravos...

Muitos dos seus leitores achavam que Pinto exagerava, pois não podiam acreditar em tudo isto, e por isso hoje temos um famoso adágio português: "Fernão, mentes? – Minto!". Depois de uma

detalhada análise chegou-se à conclusão de que muitos dos relatos eram verdadeiros e corretos, também existiam algumas fantasias, por exemplo a descrição da China.

Mendes Pinto não escreveu sobre o império português na Ásia, de um modo elogioso, mas realista e crítico, e, por esse motivo, o livro permaneceu como uma obra menor que os *Lusíadas* entre os portugueses.

Quando regressou a Portugal em 1558, solicitou ao rei português um abono para seu amparo em idade mais avançada, mas não ganhou o que lhe foi prometido. Refugia-se no Pragal, onde escreverá a *Peregrinação* e morrerá. Várias passagens da obra foram modificadas pela Inquisição.

A característica mais específica desta obra é o entrelaçamento da ficção e da realidade, de maneira que se torna muito difícil dizer o que é real, porque o autor nos conta a história de uma forma tão vivida, que até usa frases de línguas desconhecidas.

Fernão Mendes Pinto não tem o preconceito da superioridade da sua civilização ou da sua raça, e por isso facilmente assume perante os orientais uma atitude admirativa... A isenção de preconceitos raciais, nacionais ou religiosos, juntamente com a atitude crítica que nunca abandona, revelam-se ao pôr na boca das suas personagens orientais as opiniões e comentários mais depreciativos acerca dos Europeus. (Lopes, Saraiva 1979: 310)

A estrutura da obra é picaresca com um tom cínico de narrador.

Falando sobre a viagem, uma dos componentes mais importantes da emigração, devemos destacar a duração da viagem de Fernão Mendes Pinto. Como o autor escreve nas primeiras linhas da obra, a peregrinação dele durou 21 anos. Quando a pessoa passa tantos anos viajando, podemos dizer que a viagem é a vida real dele, uma realidade bem diferente da que outras pessoas vivem. O que é especificidade desta viagem, segundo Arnaldo Saraiva, professor universitário, é o facto Pinto não ter um plano, não existiu uma linearidade espacial e ordem: “A peregrinação não fala de um tempo desestruturado ou sincopado; não sugere a ideia, como 'caminhada', de uma linearidade espacial, um percurso contínuo, um itinerário ou uma rota mais ou menos definida, mas, sim, a de alguma errância ou vagabundagem...”. (Saraiva 2013: 136)

Os destinos visitados misturam-se, produzindo assim uma rede embrulhada, diferentemente de um percurso habitual de viagem, a linha. Neste longo período de 21 anos, o nosso protagonista viaja sempre, está sempre na estrada. Podemos dizer que ele está constantemente em emigração, não tem uma casa. Mesmo Malaca, um sítio que visita antes de cada nova viagem, não se pode definir como a casa dele. Falando sobre o tipo de emigrante podemos concluir que no período dos grandes descobrimentos a viagem foi uma maneira habitual de viver. O espírito aventureiro dos viajantes desse tempo, a sua euforia de descobrir e explorar espaços novos e antes desconhecidos, torna-os emigrantes por acaso, ou seja o processo migratório, a viagem e o descobrimento são entrelaçados. Nestas migrações não é destacada a fuga da vida na pátria, mas destaca-se o espírito comerciante e a agilidade dos viajantes.

Estes 21 anos da peregrinação podem-se definir como uma macroviagem de Pinto, dentro da qual podemos distinguir numerosas microviagens.

A macroviagem implicou a travessia de um vasto espaço – terrestre, marítimo, fluvial, sobretudo litoral – que se estendia da Etiópia aos confins da Ásia, pediu ou determinou vários tipos de visão – panorâmica, grande plano, interna, externa, parada, em movimento... -, obrigou, por circunstâncias ou acidentes muito diversos, a mudanças de direção ou de rota, a interrupções, a recos e avanços, obedeceu a diferentes motivações: curiosidade e aventura, comércio e negócios, diplomacia e contactos, catequese ou missões religiosas... (Saraiva 2013: 139)

Cada uma destas viagens tomada em consideração, separadamente, representa uma microviagem.

Ainda que Fernão Mendes Pinto não seja muito explícito a respeito dos motivos das suas viagens, nas primeiras linhas da obra revela o motivo principal de tomar a decisão para emigrar.

Quando as vezes ponho diante dos olhos os muitos e grandes trabalhos e infortúnios que por mim passarão, começados no princípio da minha primeira idade, e continuados pela maior parte, e maior tempo da minha vida, acho que com muita razão me posso queixar da ventura que parece que tomo por particular tenção e empresa sua perseguir me, e maltratar me, como se isso lhe houvera de ser matéria da grande dome, e de grande gloria, porque vejo que não contente de me

por na minha pátria logo no começo da minha mocidade, em tal estado que nela viu sempre em misérias, e em pobreza, e não sem alguns sobressaltos e perigos da vida... (Pinto 1603: 3)

A pobreza e as más condições de vida, já típicas na literatura de emigração portuguesa, foram a razão principal para partir, mas depois Pinto queria enriquecer e também tornar-se glorioso, o que não surpreende devido ao período na história no qual ele viveu.

Antes do começo da sua peregrinação, Mendes Pinto já tinha experiência na viagem, ou seja na emigração. Ele emigrou, pela primeira vez, quando tinha 11 anos, da sua casa natal em Montemor-o-Velho para a Lisboa, onde trabalhava para uma senhora nobre. Devido a alguns problemas em que se envolveu, Fernão teve de escapar de Lisboa, e decidiu partir para Setúbal. Nesta viagem, começam as primeiras dificuldades que vão estar presentes em grande parte da sua vida. Como já é conhecido, Fernão Mendes Pinto foi cativo 13 vezes e vendido 17, e tudo isto começou durante a sua viagem para Setúbal quando foi primeira vez feito prisioneiro por piratas franceses. Ainda que a viagem possa ser perigosa e, nos nossos dias, o homem contemporâneo não possa nem imaginar como seria viajar no tempo de Fernão Mendes Pinto. O facto de um homem, em qualquer momento, poder esperar um assalto, um roubo ou ser vendido como uma coisa parece terrível. O que é mais terrível é que isto foi normal, foi uma coisa quotidiana nas vidas das pessoas do século dezasseis. Entre todos os proprietários de Pinto, destaca-se um Grego que foi tão cruel que Fernão queria terminar a sua vida:

... comprar-me um grego renegado, de que eu arrenegarei enquanto viver, porque me tratou de maneira em só três meses que fui cativo, que por sete ou oito vezes estive tentado para me matar com peçonha (se nosso Senhor me não fizera merce de me ter da sua mão) para lhe fazer perder o que por mim tinha dado, porque era o mais desumano, e cruel inimigo que nunca se vi no mundo. (Pinto 1603: 14)

Deste modo, durante a sua viagem, Fernão descreve vários comportamentos dos estrangeiros, mas também dos portugueses. As suas descrições são muito objetivas, elogiáveis para todos os que o merecem e também críticas quando é preciso. Por isso, Fernão Mendes Pinto é

considerado “o pensador mais revolucionário da sua época, um génio original, ousado, e de ideias muito adiantadas, muito além da sua época, um homem universal”. (Saraiva 2013: 134)

Ele, como um homem moderno, não avalia culturas do ponto do visto europeu, não as julga inferiores.

Ainda que, o protagonista tenha destino como enriquecer e tornar-se glorioso, a maneira como ele vai atingir este destino não é especificada. Ao mesmo tempo, ele é mercador, marinheiro, militar, diplomata, jesuíta e pirata, mas sempre um viajante. Falando sobre o comércio, devemos notar que autor ainda quando descreve a natureza e o exterior sempre tem em atenção os números e os recursos que estes lugares oferecem. Tudo está ligado ao lucro e ao dinheiro, mesmo a própria vida. Assim, num episódio por Fernão torna-se cativo com sua vontade para salvar a sua vida. Mas aqui não falamos sobre a vida humana, mas sobre a vida dum homem rico e bem posicionado, ele se vende para salvar a sua posição.

Eu lhe respondeu com assaz de lágrimas, que muito bem via que não estava eu de maneira para que se ele fiasse do que lhe eu dissesse, assim pelo baixo estado em que me via, como porque lhe poderia parecer que eu, por desejar de me ver livre de tão triste cativo, lhe podia fazer mais caso de mim do que lá em Malaca podia achar, mas que se ele se quisesse fiar em meu juramento, já que então não tinha outro penhor que lhe desse, que eu lhe juraria, e lhe daria num escrito meu que me levasse a Malaca, que o Capitão lhe daria por isso muita honra, e lhe não tomarão de sua fazenda coisa nenhuma, e lhe pagarão dez vezes dobrado tudo o que por mim desse. (Pinto 1603: 47)

Atravessando estes grandes espaços, devemos notar que o nosso protagonista muda o meio de transporte. Dependente do caminho, nesta ocasião vias fluviais, rios e mares, Fernão viaja em vários barcos – galeotas, galés, bateis, juncos, lanharas, fustas, manchuas, etc. Quando viaja na terra, habitualmente anda a pé ou noutros casos montado em animais. Independente do facto que o navio, como um espaço isolado representa na literatura de viagem um mundo entre o nosso mundo, nesta obra o navio é só o meio de transporte porque não representa uma estação importante na viagem de Pinto. O que se mostra mais importante são os novos lugares, culturas e povos que ele conhece durante a viagem.

Ao contrário das outras obras que vamos analisar neste trabalho, o sentimento de não poder identificar-se, de não pertencer a nenhum espaço não é destacado em Fernão. Suponho que isto é assim por causa das constantes mudanças, perigos e aventuras, devido aos quais o protagonista não tem tempo de sentir saudade e pensar sobre a sua posição no mundo. O momento em que ele se aproxima de outros personagens da literatura de emigração portuguesa é o momento em volta à pátria. Enganado e desapontado pelo rei e pela pátria, sente que tudo é em vão e que a sua pátria não é casa dele. Como já foi escrito, o nosso viajante nas suas observações não julga outros povos, não os avalia do seu ponto de vista, mas também não adota os seus costumes e comportamentos por causa do curto tempo que ele passa com eles. Iremos ver que os protagonistas das outras obras escolhidas fazem precisamente o contrário.

Resumindo, podemos concluir que a obra *Peregrinação* é a precursora da literatura de viagem moderna. O protagonista, um viajante moderno, expõe-se a perigos e sacrifícios, viaja sem plano detalhado, conhece novas culturas sem julgamento, queda e soube. A razão para iniciar a viagem é uma razão típica na literatura migratória portuguesa, ou seja pobreza, condições de vida difíceis, mas ao mesmo tempo o espírito aventureiro e o desejo de enriquecer ultrapassam todas estas razões típicas. Todavia, Fernão Mendes Pinto não é um protagonista emigrante típico. Na sua busca de enriquecimento ele não se situa só num local. Apesar de todos os perigos, ele nunca desiste, arrisca mesmo a sua vida. Ele não é o protagonista emigrante estereotipado dos períodos seguintes, um camponês iletrado e indolente, bem pelo contrário ele é o comerciante, o diplomata, o homem bem capaz de fazer a diferença no mundo, o investigador e o viajante típico para o período dos grandes Descobrimentos. Devemos também destacar a introdução do sentimento de não pertencer a nenhum lugar que se vai destacar como uma das mais importantes características da literatura migratória portuguesa, especialmente nas obras do século XX, como por exemplo em *Emigrantes* de Ferreira de Castro. Os modos de transporte caracterizam a cultura náutica portuguesa e representam bem o período dos descobrimentos marítimos, o período mais importante na história do Portugal, o período no qual a viagem foi um acontecimento habitual.

4.2. A MORGADINHA DOS CANAVIAIS

No início do século XIX, caracterizado pelas intensas lutas políticas e a grande revolução industrial, nasce o Romantismo. Este período é marcado por: “o gosto das tradições medievais... e em geral culturas folclóricas... que constituirão uma tendência fundamental do romantismo que a burguesia letrada revalorizava em oposição a cultura sem caráter nacional”. (Lopes, Saraiva 1979: 705)

O romantismo português, além das características nacionais exageradas, foi marcado por restos de arcadismo, classicismo e iluminismo. Neste período foi escrita a obra de Júlio Dinis, *A Morgadinha dos Canaviais*.

Joaquim Guilherme Gomes Coelho, o escritor português, mais conhecido pelo seu pseudônimo literário Júlio Dinis foi um dos melhores representantes do romantismo e realismo em Portugal. Ele nasceu no Porto em 14 de Novembro de 1839, de família de alta burguesia. O seu pai era médico, e sua mãe, filha de comerciantes ingleses e irlandeses católicos, morreu quando ele tinha 6 anos. Júlio Dinis viveu e estudou medicina no Porto, a partir de 1863, quando devido a doença procura temporariamente regiões com um clima mais favorável. Após frequentes e longas estadas em localidades do Norte do país, procurou na ilha da Madeira a cura para a tuberculose, a doença que já tomara a vidas dos seus irmãos.

O início da sua carreira literária foi com as suas primeiras peças de teatro, que viriam a ser postumamente reunidas nos três volumes do *Teatro Inédito*, em 1946-1947. Em 1860, publicou na revista *A Grinalda* poesias românticas que viriam a fazer parte das *Poesias* (1870). Durante suas estadas no norte do país, Júlio Dinis descobre os encantos da vida rural, sobre a qual escreve em grande parte das suas obras. Ele foi principalmente um escritor de espaços, dos ambientes e caracteres, e na evolução da intriga. Os seus romances mais conhecidos são: *As Pupilas do Senhor Reitor* (1866), *Uma Família Inglesa* (1868), *A Morgadinha dos Canaviais* (1866), *Serões da Província* (1870) e *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (1870).

Júlio Dinis nos seus romances mistura romantismo e realismo. Nos romances podemos encontrar realismo na lentidão da narrativa, na verdade, no tratamento dos temas familiares e quotidianos, mas a idealização do campo, da mulher, da família, a tendência para a solução harmoniosa dos conflitos, o otimismo do seu ideal social, têm caráter romântico.

Em 1871, morre prematuramente, vítima de tuberculose. Os seus últimos anos foram descritos por Maria Ema Tarracha Ferreira, a professora que organizou varias antologias didáticas:

Mas o seu fim aproxima-se. Em Abril de 1871, tem, como médico, a convicção de que está irremediavelmente perdido. E o seu desespero de doente leva-o a mudar radicalmente de vida: instala-se num hotel inglês, um dos mais luxuosos do Funchal, naquela época, e ingere vinho, cerveja, leite, ovos, na ânsia desesperada de sobreviver. No mês seguinte, verificando que não pode alterar a marcha da doença, resigna-se a aceitar o inevitável: 'De mal com o universo inteiro, como nunca estive, e resolvido a não lutar mais tempo contra a força das coisas, vou procurar um buraco onde me meta e esperar pelo que Deus quiser que venha'. (Tarracha Ferreira 2001: 15)

A obra essencial para a nossa análise é *A Morgadinha dos Canaviais*, romance de Júlio Dinis publicado em 1868. Antes de analisar os aspetos da emigração neste romance, eu vou apresentar um curto resumo.

O romance começa com a decisão do Henrique de Souselas, órfão rico, residente em Lisboa, de viajar para uma aldeia em casa de sua tia Doroteia, por causa da sua doença e devido à vida urbana. Quando chega à aldeia ele não gosta dos costumes, sons e odores da aldeia, mas depois de alguns dias ele se acostuma e desfruta deles. Na aldeia ele conhece um grande número de personagens, entre as quais Madalena, a elegante, inteligente e enérgica morgadinha, por qual se apaixona, mas ela não sente mesmo porque ela ama o Augusto, um professor primário pobre e honesto. A prima de Madalena, Cristina, apaixona-se por Henrique, mas ele não se apercebe disto. Durante o livro, além do conteúdo amoroso, seguimos várias situações políticas na aldeia, o fanatismo religioso, a inveja de alguns protagonistas. Depois de numerosas intrigas, que se sucedem, tudo acaba bem. Henrique apaixona-se por Cristina, e eles casaram-se no mesmo dia que Madalena e Augusto.

A obra oferece uma maior diversificação de caracteres, de temas, e alterna o lirismo rústico com uma crítica de costumes mais acentuada e sombria... o autor foca temas como o da corrupção

dos costumes políticos...reflexos sociais e mentais da modernização técnica... a polémica em torno da reintrodução das ordens religiosas. (Lopes, Saraiva 1979: 835)

Por fim todos conflitos foram resolvidos harmoniosamente.

Apesar do facto de emigração neste romance não ser o tema central, durante as numerosas páginas revelam-se vários motivos e histórias das personagens ligadas com a emigração.

Já nas primeiras linhas do romance temos o motivo da emigração. O nosso protagonista, Henrique de Souselas, viaja de Lisboa para a aldeia de Trás-os-Montes. Ele emigra de sua cidade natal à procura do remédio para a sua doença. As razões da sua mudança de espaço não são tão típicas para o nosso tema, porque as pessoas que habitualmente emigram são os pobres que procuram condições de vida melhor, procuram trabalho, mas aqui temos um rico, com uma doença imaginada. Um rico que tem tudo o que é preciso para ter uma vida agradável, mas isto não lhe basta. Mas no fim, como todos os emigrantes, ele procura a salvação. Outra diferença é o destino do nosso emigrante. Os que emigram normalmente escolhem zonas mais desenvolvidas, quer os países como Brasil, quer as cidades grandes de Portugal, mas Henrique emigra do litoral para a quinta da Alvapenha em Trás-os-Montes. Assim, a personagem de Henrique é um estereótipo da personagem típica para o Romantismo no qual a vida camponesa e arcádica é mais apreciada do que nos períodos anteriores e cujas personagens emigram frequentemente para a aldeia na busca de uma vida mais tranquila e idílica, a vida arcádica.

Outra exceção do cânone na literatura emigrante é o meio de transporte. O nosso viajante é transportado um mular, enquanto o seu companheiro, o almocreve José, anda a pé. Esta diferença no modo de transporte destaca a desigualdade das posições sociais destes viajantes. Também, devemos notar que neste período já existiam outros meios de transporte, viajando no rocinante era já parte do passado. Usando o motivo de um mular, o autor acentua inacessibilidade e intransitabilidade destas montanhas, caracterizando assim Henrique, como um homem intratável. Apesar disso, viajar num mular é diferente de viajar num navio, ou num autocarro que são espaços isolados e representam um mundo fechado dentro do nosso mundo. Enquanto, quando o homem viaja num mular ele torna-se mais ligado à natureza e aos espaços que atravessa.

Se por um momento pomos de lado o transporte, as razões da emigração e os destinos dela e nos focalizamos só no processo da viagem, podemos notar que nos momentos da viagem nós vivemos uma vida diferente, que não tem muitas semelhanças com a nossa vida antes e depois da viagem:

O leitor provavelmente há de ter jornadaado alguma vez; sabe portanto que o grato e quase voluptuoso alvoroço, com que se concebe e planiza qualquer projeto de viagem, assim como a suave recordação que dela guardamos depois, são coisas de incomparavelmente muito maiores delícias, do que as impressões experimentadas no próprio momento de nos vermos errantes em plena estrada ou pernoitando nas estalagens, e mormente nas clássicas estalagens das nossas províncias. As pequenas impertinências, em que se não pensa antes, que se esquecem depois, ou que a saudade consegue até doirar e poetizar a seu modo; esses microscópicos marítimos, que de longe não avultam, acuam-nos, na ocasião, a ponto de nos inabilitar para o gozo o que é realmente belo. (Dinis 1983: 6)

Estas palavras descrevem perfeitamente o que a viagem no processo da emigração representa. A viagem é uma paragem transitiva entre a vida velha e a vida nova, uma parte da vida insegura, mas no mesmo tempo, uma ligação entre o futuro e passado. Cada viagem tem uma pequena quantidade de desconhecido, nós não sabemos o que podemos esperar destes lugares novos, e por isso frequentemente avaliamo-nos através do nosso conhecimento da vida. Assim, o nosso protagonista Henrique, durante a viagem e quando chega à quinta não gosta dos costumes, sons e odores da aldeia, ele diz que esta quinta vai-lhe servir de cemitério. Depois dum curto período ele se acomoda com a aldeia, pessoas e costumes e isto é uma evidência da capacidade humana de adaptação que se torna muito importante quando a pessoa emigrou, muda a sua habitação regular.

Apesar do facto de o nosso protagonista ser um emigrante, no romance notamos outros motivos ligados com o tema da emigração. Durante um passeio na aldeia, Henrique chega ao correio e testemunha uma cena de distribuição do correio, em grande parte composto das cartas do Brasil. As mulheres e as crianças, todos iletrados esperam as cartas e depois esperam a leitura delas. As cartas são escritas por filhos e maridos que emigraram para o Brasil na busca de vida melhor para eles e suas famílias, mas as notícias não são tão boas. Diferentemente do romance

Emigrantes, onde podemos assistir a uma história e sentimentos dum emigrante, na *Morgadinha dos Canaviais* vemos o destino das famílias que não partiam:

Um grupo de crianças e mulheres do povo escutavam, em pleno ar e com religiosa atenção, a leitura que uma senhora jovem e elegante lhe fazia das cartas, que ela para esse fim lhe dava... Henrique compreendeu logo a significado da cena, a que tão inesperadamente, viera assistir. Aquela mulher parara ali para ler a essa gente, pobre e ignorante, as cartas que haviam recebido do correio... E continuou à ler a carta, no meio das lágrimas e das expansões de alegria da ouvinte, mais interessada nela. Após esta, ainda outra e outra; uma de marido para mulher; outra de filho para mãe; outra de noivo para noiva. (Dinis 1983: 41-43)

Mencionando o Brasil, no romance conhecemos uma personagem típica dum emigrante “brasileiro”. O Sr. Eusébio Seabra representa um típico retornado, que enriqueceu no Brasil e que é considerado nesta sociedade como uma pessoa sábia, como um líder, por causa deste sucesso.

Sáira criança da aldeia e fora tentar a fortuna ao Brasil. Por lá estava quarenta anos, e voltou o homem grave que vemos e rico. O como enriqueceu não sei, e ninguém na terra o sabia. Veio edificar uma casa no sítio em que nascera, uma casa grande, de cantaria e azulejos, com três andares e varandas, jardim com estátuas de louca e alegretes pintados de verde e amarelo, o qual jardim tinha mais fama naquelas aldeias vizinhas, do que os jardins suspensos de Babilónia. Trouxera um papagaio e uma arara, igualmente famosos, e uma botica homeopática, que ele próprio manipulava. (Dinis 1983: 137)

A personagem do Sr. Eusébio representa um estereótipo dum “Gastarbeiter” com a sua casa e jardim, as suas ambições de vir a ser a personagem mais influente na aldeia, com os presentes e doações para igreja. O termo “Gasterbeiter”, mais típico para as culturas balcânicas do que para a cultura portuguesa, no início do seu uso representava um emigrante que emigra para trabalhar no estrangeiro, para ganhar dinheiro e depois estabelecer uma vida boa na sua pátria. Com o tempo, o termo ganhou um tom irónico. No nosso tempo, o termo “Gastarbeiter”, não

se refere a cada emigrante que trabalha no estrangeiro para assegurar uma vida melhor na sua pátria. O tom irónico, que o termo constrói, ridiculiza a tendência do “Gastarbeiter” de ganhar uma casa demasiado grande para as suas necessidades, de decorar o jardim com várias estátuas e de representar si mesmo como melhor e mais importante do que pessoas que não trabalham no estrangeiro. Apesar de todos os esforços, o Sr. Eusébio continuava a ficar na sombra do conselheiro Berardo e por isso inicia numerosas intrigas no romance. Ele faz-se passar por um Brasileiro, com os seus costumes, comportamento, o idioma que fala, e com o seu papagaio que canta o hino brasileiro. Enfim notamos o problema da emigração, ou seja, o problema de identificação depois do regresso à pátria. Os retornados, frequentemente, quando voltam continuam a viver como se fossem emigrantes. Eles não são portugueses, não são brasileiros, representam uma mistura dos costumes, comportamentos, etc. Viver, sem pertencer completamente e sem se poder identificar completamente com uma sociedade, causa muitas vezes, problemas na vida dos retornados.

Ao lado dos emigrantes já mencionados, que emigram na procura de condições de vida mais favoráveis, que emigram com um destino bem determinado, conhecemos, no romance, um emigrante de tipo fugitivo, que viaja só para viajar. O pobre Cancela, depois da morte da sua filha decide emigrar para o Brasil. O seu destino não é importante, para ele o Brasil não representa uma salvação, mas só o primeiro sítio da sua fuga:

Se eu não posso viver aqui! Se tudo isto me esta falando na filha!... A cada passo estou à espera de vê-la... É como se a todo o instante me morresse. Vou para a cidade; dizem que estão engajando por lá trabalhadores para o Brasil... Quero ver se o trabalho me mata, antes que o desgosto me não tente a morrer de outra sorte. (Dinis 1983: 392)

Este tipo do viajante não é característico na cultura e literatura ocidental, na qual o viajante tem o seu destino determinado e sempre atinge este objetivo. Cancela lembra os viajantes fugitivos da literatura oriental.

Além desta última decisão de Cancela de viajar, ou seja, fugir para o Brasil, durante o romance assistimos às várias viagens dele. O Cancela é um recoveiro e a viagem é parte do seu trabalho. Desta maneira podemos ver que a emigração não é só a mudança do espaço de vida permanente,

mas que existem as pequenas migrações diárias. Estas migrações estão ligadas ao trabalho das pessoas e também à educação. Neste romance, por causa da educação, o irmão da Morgadinha, Ângelo, emigrou para a Lisboa.

Resumindo todos os motivos de emigração no romance *Morgadinha dos Canaviais*, podemos notar algumas características típicas da literatura emigratória, mas também algumas diferenças.

Começando com as características mais típicas, devemos destacar a emigração que é salvação, ou seja, procura de condições de vida melhor. Ainda que o nosso protagonista Henrique não seja pobre, ele procura condições de vida melhores, no seu caso, o remédio para a sua doença. Apesar do facto de Henrique emigrar para a aldeia, no romance fala-se sobre o Brasil, o destino preferido dos emigrantes. A personagem do Sr. Eusébio representa tudo de bom que o Brasil pode oferecer, mas também representa o problema de identificação dos retornados e o estereótipo dum “Gasterbeiter”, um termo não muito típico para a cultura portuguesa.

O que é diferente neste romance é o destino da emigração do protagonista, ou seja a emigração dentro do país, o meio de transporte dele, mas também o facto que neste romance podemos ver o destino das famílias deixadas por homens que emigravam e o seu ponto de vista. Diferentemente das outras obras na *Morgadinha dos Canaviais*, além dos sentimentos dos emigrantes podemos ver as opiniões e comportamentos das pessoas que ficam no país.

4.3. EMIGRANTES

O período do Modernismo nasceu na literatura portuguesa num período sensível de transformação na vida portuguesa por causa do Ultimato e da crise financeira e económica de 1890. Varias mudanças do regime político da terra, e enfim o institucionalismo de um Estado de moldes fascistas em 1933 marcaram esse período histórico. Entre uma grande variedade das correntes literárias que integraram ao período do Modernismo, destaca-se o Neorrealismo e o grande autor José Maria Ferreira de Castro.

José Maria Ferreira de Castro, escritor português, grande precursor do Neorrealismo em Portugal, nasceu em Oliveira de Azeméis em 1898. Filho de camponeses, perdeu o pai quando

tinha 8 anos. Devido às condições da vida insuportáveis em Aveiro, emigra para o Brasil com 12 anos e trabalha como empregado de armazém na selva amazônica. Ali, no Brasil publica o seu primeiro romance juvenil, *Criminoso por ambição*, e colabora com jornais e revistas brasileiras. Em 1919, regressa a Portugal e continua a colaborar com jornais e revistas portuguesas.

Até 1922, o seu trabalho não foi reconhecido. Nesse ano publicou *Carne Faminta*, e um ano depois publicou *O êxito fácil*. Ferreira de Castro dirigiu e colaborou com grandes jornais e revistas em Portugal até 1934, quando decide abandonar o jornalismo, devido à censura. O período mais produtivo da sua carreira literária começou com o reconhecimento do romance *Emigrantes* em 1928. Depois publica *A Selva* (1930), *Eternidade* (1933), *Terra Fria* (1934), *A Tempestade* (1940), *A Lã e a Neve* (1947), *A Curva da Estrada* (1950) e *A Missão* (1954).

Quando reflete sobre o estilo de Ferreira de Castro, Dilva Guimarães Frazão, bacharel em Biblioteconomia pela UFPE, diz que:

O aspeto fundamental da ficção de Ferreira de Castro é o realismo social, que o aproxima dos neorealistas. Nascidas de sua vasta experiência nas matas da selva amazônica, as temáticas de seus romances enfocam a dramaticidade dos personagens carentes de valores humanos. Toda obra de Ferreira de Castro constitui um importante documento social, um verdadeiro espelho da realidade da vida contemporânea dos humildes. A narrativa é apresentada através de uma linguagem direta, revestida de argumentos reais, que reproduzem com intensa dramaticidade o quotidiano das vidas injustiçadas. (Frazão 2016)

Ferreira de Castro faleceu na cidade do Porto em 1974.

A obra com que vamos concluir nossa análise é *Emigrantes*. Publicada em 1928, é uma das mais importantes obras da carreira do Ferreira de Castro. O romance segue a história de Manuel da Bouça, um camponês que sofre com as más condições de vida em Portugal. Enquanto a aldeia dele não prospera, os vizinhos tinham enriquecido no Brasil, e ele decide emigrar para fazer fortuna e depois regressar e comprar uma terra fértil. Antes de partida ele colabora com três profissionais oportunistas: o Carrazedas, que ganhava dinheiro através das hipotecas que os emigrantes faziam das suas terras para financiar a viagem, o Nunes, agente de viagens; e o jornalista Borges, que, convencido por Nunes, publica dois anúncios, um sobre a inauguração

da nova agência de viagens e outro sobre as maravilhas da emigração para a América, o que, naturalmente, não era verdade. Ingénuo Manuel embarca para o Brasil, sofre com a vida no navio, no qual encontramos outros emigrantes de toda a Europa. Quando desembarca no porto de Santos e se reúne com o amigo da aldeia, Cipriani, entende que a situação no Brasil não é boa, mas decide tentar a sua sorte. Do trabalho numa fazenda de café, no interior de São Paulo, aos serviços desempenhados como ajudante num armazém, Manuel da Bouça experimenta só coisas más, uma das quais foi a perda da sua terra e a morte da sua mulher. Infeliz e sem esperança num futuro melhor decide voltar para Portugal, mas quando chega, entende que ele não pertence mais nem ao Brasil, nem a Portugal e à sua aldeia. Ele está completamente perdido.

A obra *Emigrantes* “assinala o início de uma nova fase do realismo social entre nós, este último romance, decisivo para a carreira do autor e que impressionou numerosos leitores pela denúncia das desumanidades da emigração, ainda padece de um visível esquematismo e de frouxidão no diálogo”. (Lopes, Saraiva 1979: 1069)

Vou começar minha análise com as primeiras palavras do romance que de maneira melhor descrevem a situação no século 20, mas também nos nossos dias:

Os homens transitam do Norte para o Sul, de Leste para Oeste, de país para país, em busca de pão e de um futuro melhor. (Castro 1949: 9)

A linha que em si abraça todas as características e razões maiores da emigração, na história dum emigrante, na história de Manuel da Bouça. Manuel, o símbolo de todos os desgraçados emigrantes que não podiam encontrar a felicidade no novo país e não se podiam acomodar. O protagonista Manuel da Bouça tem um nome simbólico. Bouça é também o nome de um terreno onde crescem pinheiros e assim podemos concluir que Manuel está ligado à vida na sua aldeia e ao trabalho rural. Ele nunca podia acomodar-se aos outros espaços porque ele é um camponês e não podia ultrapassar esta realidade.

No romance assistimos à história detalhada de um emigrante, desde o primeiro pensamento sobre a emigração, o procedimento da organização da viagem, à viagem propriamente dita, à vida no exterior, até ao regresso ao país.

Animado pelo desenvolvimento rápido da aldeia vizinha, Manuel sonha sobre o enriquecimento no Brasil. A fascinação com o Brasil já existia em numerosas gerações de camponeses, ela era uma palavra mágica, quando na realidade eles não sabiam muito sobre a situação no Brasil:

Em todas as aldeias próximas, em todas as freguesias das redondezas, havia o mesmo anseio de emigrar, de ir em busca de riqueza a continentes longínquos. Era um sonho denso, uma ambição profunda que cavava nas almas, desde a infância à velhice. O ouro do Brasil fazia parte da tradição e tinha o prestígio duma lenda entre os espíritos rudes e simples. ... Mas, como todo o encantamento, amedrontava ao mesmo tempo que atraía... Nem eles sabem porquê, mas a hipótese de irem para o Brasil fazia-se sempre acompanhar dum estremecimento de perigo. (Castro 1949: 28-29)

Todavia, incentivado pelas más condições de vida, Manuel venceu o medo da viagem e decidiu emigrar. Deste maneira Manuel representa o estereótipo do emigrante português, um estereotipo ainda atual na sociedade contemporânea, especialmente no Brasil. O nosso protagonista foi descrito como um homem analfabeto e pobre com jeito para ser merceeiro ou padeiro. Os emigrantes típicos para a literatura portuguesa no período do Modernismo, no qual esta obra foi escrita, frequentemente são personagens do Norte de Portugal, camponeses, pobres, iletrados, em busca de condições de vida melhores.

Antes de viajar os emigrantes deviam preparar bastantes coisas, em primeiro lugar documentos, o que significava que deviam gastar bastante dinheiro. Primeiro deviam obter o passaporte, as passagens e o termo de identidade. Apesar do fato o governo e os administradores souberam sobre as condições no Brasil, eles aconselhavam os camponeses a emigrar. Isto foi uma boa maneira de ganhar dinheiro. Também, antes do embarque dos emigrantes, deviam obter um visto no consulado do Brasil, vacinar-se e ser submetidos à inspeção medica.

Falando sobre o meio de transporte, antes de embarcar no navio, Manuel usou vários meios de transporte. Primeiro ele andou a pé de casa ate à estação de autocarro para chegar à primeira

cidade aonde apanhou o comboio para Lisboa. Enfim em Lisboa embarcou no rebocador. Com o embarque começa a sua vida nova, uma estação transitória entre o passado e o futuro. O rebocador não é só o meio de transporte, mas torna-se por numerosas semanas um continente, um país, uma cidade, uma casa dos viajantes. Várias nacionalidades, pessoas de diferente estrato social, todos no mesmo lugar. Já no início da viagem podemos notar que as condições da vida neste rebocador não vão ser fáceis:

O convés nunca secava: sempre negro, húmido e escorregado, dir-se-ia o saguão do paquete. Toda a terceira classe era negra, negra, viscosa e sufocante. Dava a sensação de mina em labuta, com ruído de ascensores, roldanas e longas galerias percorridas por sombras, onde os faróis vermelhos tinham sido substituídos por grandes pupilas de vidro fosco, encastoadas na parede. Cheirava a tintas e da cozinha exalava-se nauseante fartum de comida. Por detrás de cada porta vislumbravam-se corpos enrodilhados em grossos cobertores, em tecidos castanhos e escuros, que enervavam ainda mais o ambiente. E, nos primeiros dias, os emigrantes não podiam descerrar a vigia: se o faziam, subia lá de fora um uivo e logo a água se esparrinhava sobre os beliches. (Castro 1949: 91)

Encantamento com o Brasil, e em geral com a emigração não foi só uma característica dos portugueses. O rebocador foi cheio de pessoas de várias nacionalidades; italianos, espanhóis, polacos, croatas, sérvios e muitos outros; foi como:

A Europa, hipnotizada pela moeda de ouro que a América erguia sobre a linha azul do Atlântico, marchava em êxodo constante à conquista do ídolo. (Castro 1949: 92)

Como já foi escrito, o navio tornou-se a casa dos emigrantes durante a viagem deles, e depois de algum tempo eles criaram uma realidade paralela, o navio tornou-se o mundo deles onde estabeleciam uma vida normal, mas esta vida isolada do mundo real acabou com a chegada ao Rio de Janeiro. Já no Rio, Manuel começa sentir-se como inserido em outra realidade. A

grandeza e a paisagem caótica desta grande cidade, em contraste com os pinheiros da sua aldeia, provocam em Manuel o medo e a saudade de casa. Estes sentimentos de não pertencer vão marcar a sua estada no Brasil.

Com a chegada ao Brasil, não se acaba a história da viagem de Manuel. Depois do desembarque em Santos e verificação que não vai ser fácil arranjar trabalho na cidade, Manuel parte para Cubatão, onde trabalha numa plantação e fica ali por um ano. De Cubatão muda para a cidade do São Paulo. Vive em São Paulo 8 anos e trabalha num comércio de armazém. Durante estes 9 anos, vive uma vida pobre, não pode enviar dinheiro para a família, perde a sua terra. Na realidade a sua vida é pior do que aquela que tinha em Portugal.

Ferreira de Castro subtilmente revela não só o destino difícil dos emigrantes, mas também a ignorância deles, o desconhecimento e o otimismo inútil. Apesar de numerosas indicações que a situação no Brasil não é como se fala na pátria, Manuel decide que não vai acreditar nisto e que ele vai ter sucesso. É compreensível que ele negligencie os avisos dos seus amigos, Custódio de Lisboa, Cipriano de Santos e também do velho compatriota Rufino da plantação em Cubatão, mas o facto de ele continuar com essa ideia depois sentir tudo na sua pele é um pouco estranho. A explicação reside no medo de perseguição que o povo tem sobre os regressados, o medo de ficar envergonhado:

-Nada! Eu só não volto para a terra porque tenho vergonha...

-Mas há muitos que voltam ricos! – exclamou Manuel da Bouça.

Cipriano encolheu os ombros: E sorte. Uns têm sorte, outros não têm. O que acontece é que quando um volta rico a Portugal, lá esquecem-se dos outros... Antigamente, parece que os patrões faziam dos caixeiros sócios, quando eles tinham experiência e bom comportamento. Mas hoje!

...

-Porquê? Ora! A gente, quando anda cá por estas lonjuras, julga que todos lá na terra estão sempre a pensar em nós. E vai daí, um dia arranjam uns patacos e marchamos para lá. Tudo muito bem; senhor fulano daqui, senhor fulano de acolá, mas o que eles querem saber é se a gente leva muito dinheiro. Se não leva, são logo murmurações e até nos olham por cima dos ombros. (Castro 1949: 147)

Finalmente, depois de nove anos perdidos no Brasil, depois da perda da sua terra e da morte da sua mulher, Manuel enfim perdeu a sua honra. Sem razão de ficar e sem dinheiro para partir Manuel encontrou-se em uma situação antiética. Durante uma revolução, ele roubou joias de um morto. Com o dinheiro que ele ganhou da venda destas joias, ele comprou o bilhete para o navio. Só quando está de novo embarcado no navio entende os seus engenhos, lembra-se das palavras do Cipriano e Rufino.

Com a chegada à sua terra, Manuel sente-se feliz depois de muito tempo, mas isto dura pouco. Ele perdeu o laço com a sua terra, não se pode identificar com ela:

Mas já não se via nitidamente na situação pretérita e parecia-lhe difícil, impossível quase, adaptar-se de novo à sua vida de outrora. Sentia algo que não sabia explicar a si próprio, mas que o divorciava da terra; algo que se intrometera no seu espírito enquanto estivera longe, fazendo dele um homem diferente do que era antes de ir para o Brasil... a terra já não o prendia; estavam mortas as saudades que a distância criara e a sua vida de outrora, que, evocada de longe, lhe parecia fascinante, deixara de se vestir com pompas tentadoras. (Castro 1949: 286; 294)

O Manuel torna-se estrangeiro de nova. Primeira vez no período da emigração no Brasil, e a segunda vez ali na sua terra. Com esta revelação de não ter casa em nenhuma parte do mundo, ele decide deixar a sua aldeia de novo e tentar sorte em Lisboa. Depois todas as dificuldades na vida ele conclui:

Afinal, ele que ambicionara mais, que andara por esse mundo de Deus, que se arriscara, que se sacrificara, era ali o mais infeliz de todos. (Castro 1949: 291)

Resumindo esta análise, podemos notar que a vida dum emigrante é bem difícil. Os sentimentos de não pertencer a nenhuma parte do mundo, tornam o homem um autómato, que faz tudo mecanicamente, e não pode ser feliz de serio. As realidades que os emigrantes

criaram nas suas viagens colidiam com a vida real, tornando-os despreparados para o que se segue.

O protagonista deste romance é um símbolo dos todos emigrantes e uma personagem emigrante típica para a cultura ocidental que sempre segue o seu destino, apesar de todos os males.

O destino preferido dos numerosos emigrantes, o Brasil, revela-se neste romance como uma fraude e pela primeira vez se fala nesta maneira sobre os insucessos dos emigrantes.

Enfim, o meio de transporte, o navio, não é só o transporte dessas pessoas, mas um mundo novo criado por eles, o mundo isolado dos todos. Infelizmente, o isolamento vai estar presente numa grande parte da vida dos emigrantes.

5. CONCLUSÃO

Chegando ao fim da nossa análise do tema da emigração na literatura portuguesa, baseada em conceitos teóricos e exemplos das obras *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, *Morgadinha dos Canaviais* de Júlio Dinis e *Emigrantes* de Ferreira de Castro, podemos concluir que existem numerosas características comuns ao desenvolvimento do tema e dos protagonistas emigrantes.

Através do uso de dados estatísticos chegámos à conclusão que a emigração se torna, durante cinco séculos, desde as descobertas marítimas, um dos problemas constantemente atual em Portugal. Durante séculos, dependente da situação política, social, económica, mudam-se os destinos, quer na Europa, quer através do oceano, entre quais se destaca o Brasil como destino mais popular.

As razões mais frequentes para emigrar são as condições de vida insuportáveis, pobreza, fome, mas também o carácter aventureiro e inquieto dos portugueses.

Com a ajuda dos conceitos literários ligados ao tema da emigração, como por exemplo viagem, viajante, meio de transporte etc. podemos notar que os personagens dos emigrantes na literatura portuguesa viajam com o destino exatamente definido. Frequentemente partem em busca de condições de vida melhor, também no romance *Morgadinha dos Canaviais*, embora aqui não se trate de uma situação económica, mas de recuperação.

O meio de transporte mais popular é o navio, que não representa só o meio de transporte, mas também uma casa temporária dos emigrantes, um mundo entre o nosso mundo real.

Durante estas viagens, com frequência os emigrantes sentem saudade do país, sentem que não pertencem a nenhum lugar, que se não podem adaptar e estabelecer em nenhum lugar. Os emigrantes julgam as novas condições, pessoas e comportamentos através o ponto de vista europeu, com exceção de Fernão Mendes Pinto.

Destaca-se também o motivo da ignorância dos emigrantes e das expectativas que lhes impõem as outras pessoas. Os pressupostos de que todos os emigrantes devem suceder e enriquecer levam a insatisfação.

BIBLIOGRAFIA

1. Alpalhão, João António e Perreira de Rosa, Victor M. (1983) *De emigração a aculturação: Portugal insular e continental no Quebeque*. Lisboa: Secretaria regional da Educação e Cultura.
2. Carvalho Arroteia, Jorge (1983) *A emigração portuguesa; suas origens e distribuição*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
3. Coutinho, Ana Paula (2014) *O português migrante: uma leitura da revista Peregrinação*. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4521.pdf>. 03.09.2017.
4. Crang, Mike (2008) *Putovanje/Turizam*, u: Atkinson: Jackson; Silbey, Washbourne *Kulturna geografija: kritički rječnik ključnih pojmova*, prevoditelj: Lalović, Damjan; na portugalski prevela: Perišić, Maja. Zagreb: Disput, str. 63-79.
5. de Castro, Ferreira (1949) *Emigrantes*. Lisboa: Livraria editora Guimarães & C.^a
6. Deleuze, Gilles i Guattari, Felix (2008) *Nomadski potencijal i ratni stroj*, u: “Zarez, Dvotjednik za društvena i kulturna zbivanja”, prevoditelj: Ostojić, Milena; na portugalski prevela: Perišić, Maja. 28. studenog 2008. Zagreb.
7. Dinis, Júlio (1983) *Morgadinha dos Canaviais*. Porto: Livraria civilização – editora.
8. Duda, Dean (2012) *Kultura putovanja*. na portugalski prevela: Perišić, Maja. Zagreb: Naklada Ljevak.
9. Guimarães Frazão, Dilva (2016) *Biografia de Ferreira de Castro*. https://www.ebiografia.com/ferreira_de_castro/. 03.09.2017.
10. Lopes, Óscar e Saraiva, António José (1979) *Historia da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora.
11. Mendes Pinto (1603) *Peregrinação*. <http://alexcastro.com.br/wp-content/uploads/2012/02/Peregrinacao.pdf>. 03.09.2017.
12. Queiros, Eça (1872) *Uma Campanha Alegre – Volume I*. http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=14023. 30.10.2017.
13. Saraiva, Arnaldo (2013) *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto revisitado a sua teoria moderna da viagem*. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55771/2/arnaldosaraivaperegrinao000126881.pdf>. 03.09.2017.
14. Tarracha Ferreira, Maria Ema (2001) *Introdução no Morgadinha dos Canaviais do Júlio Dinis*. Lisboa: Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, (págs. 7-15).

15. Vieira, Isabelle (2007) “*Quando os portugueses partiam a salto para Franca*” – *A emigração para Franca vista por escritores portugueses*. http://www.museu-emigrantes.org/o-museu/atividades/seminario%20internacional%202007/m_isabelle%20vieira.pdf.
03.09.2017.